



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Administração e Propriedade: Casa de Galileia de Póvoa—Povoação de Santa Catarina—Vales do Correló para Cete—Preço 1400

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Hun'Alvaros R. Santa Catarina, 628—Póvoa
Visado pela Comissão de Censura

O HOSPITAL E EU

OS visitantes afirmam que o edificio do hospital da aldeia, é de todos o mais bem lançado. Não me parece que assim seja. Cada edificio é perfeito em seu género e todos do risco de um mesmo architecto. O mal dos visitantes é outro, e por assim o compreender, é que eu deixo passar aquela afirmação. E' um rejubilar. E' um exultar. Um edificio feito de raiz para um fim determinado. Edificio que responde a uma necessidade pavorosa. Um simi escancarado aos que gritam por nós; o mais justo, o mais terrível e o mais aflito dos gritos — A Creança! Eis aqui a verdadeira razão daquele apreciar, de visitantes. E' um pequenino delirio. Não sabem o que dizem pelo facto de verem diante de si, com seus olhos, aquilo mesmo que desejam. E' uma declaração de amor do próximo. Todos nós queremos amar, todos. O próprio ódio que é senão o amor às avessas?

Pois muito bem. Temos uma realidade na aldeia: um hospital. Outra realidade, é a presença dos pequeninos seres humanos que se encontram em nossas casas e a existencia de infinitos deles, que só não veem por falta de lugar. Tudo factos vivos, casos concretos, julgados e apreciados com lágrimas nos olhos, a mais fecunda e misteriosa fonte que existe debaixo da roda do sol!

Outra realidade, além da presença, é o estado fisico com que nos aparecem. Esse estado, reclama assistencia. Urge olhar e resolver o problema. Eles são monumentos nacionais, tão pequeninos e já em ruínas! Monumentos preciosos. E' do estado deles que depende a verdadeira riqueza ou a verdadeira miséria social. E' preciso lançar mão. Fazê-los nossos. Deplorar que há mais tempo se não tenha assim pensado e realizado. Bater no peito, de arrependimento.

Não se trata aqui dum luxo. Dum appetesinho. De uma extravagancia social. Não senhor. E'

Uma palavra

...de infinita gratidão, a todos quantos coligem nomes de assinantes e também aqueles que pelo seu pé, vêm fazer a inscrição. Sois os Cruzados de uma causa santa. Arautos do Evangelho. Consoladores das almas. Tenho inúmeras cartas aonde, com a importância da assinatura, vem juntamente um sentido: Bem haja a pessoa que se lembra do meu nome e me inscreve. Essa pessoa és tu. E' que elle nunca se viu tal: andar de mão em mão um livro de meditações, que se vende nos cafés, nas praças e nos quiosques, como se fôra um jornal! Meditações feitas nos caminhos, nos cazebres, nos comboios, nas vielas, no mundo! Meditações que se lêem com o mesmo agrado e interesse, nas comunidades religiosas, no seio de famílias, nas mesas do café, nos salões ricos, na casa do pobre. Côres; Credos; Posições; Nada disto conta. O livro arrasta. Meditações que fazem soltar almas: Quem dera que todos lessem e aprendessem o caminho da eternidade que lá vem tão claro.

Nunca tal se viu! Que diriam os Manuel Bernardes, se cá viessem!

Pois muito bem. Mais obreiros. Mais leitores. Mais revolução.

uma necessidade. E' um S. O. S. lançado a intelligencia e aos corações.

Outra realidade, sou eu. Eu a pedir. A pedir coisas para o hospital.

E' o fruto natural da responsabilidade que sobre mim impende. Mal me iria, se lembrando muitas vezes aos meus rapazes a noção de responsabilidade, não a tomasse para mim! Digo bem: a minha responsabilidade. O mundo está hoje com os olhos fixos na *Obra da Rua*. E' uma expectativa. Uma ansiedade nacional. Ora a *Obra* tem de dar uma resposta. Eu sou obrigado a oferecer a cada um dos rapazes os meios necessários de se tornar por si mesmo um homem de bem, de creatura abjecta que era: Mas sem um corpo são, ninguém espere por essa resposta. Eis aqui mais outra realidade.

A derradeira, é o mundo que me escuta. Não há duvida nenhuma a tal respeito. Escutam. Leem. Sabem. E' deixam-me ficar sósinho com a necessidade amarissima do pedir! E daqui nasce ser esta justamente a mais deplorável das realidades.



UMA CARTA

«Apraz-me dizer-lhe que, Graças a Deus e à «Obra», já há destas transformações que augura. Eu conheci um asilo com o método antigo e conheço-o com o método «afinado» pelo lamiré da Casa do Gaiato. O pessoal dirigente são religiosas Franciscanas dedicadissimas que, com colaboração dum homem de rara visão e dedicação e amor cristão à casa, transformaram ultimamente o ambiente do Asilo em ambiente «Casa do Gaiato». As raparigas, que não são «atingidas» pelo limite de idade, trabalham na ampla quinta, na cozinha do Hospital e da Sopa dos Pobres (cerca de 60 pobres), na padaria, na lavandaria, na costura, nos currais do gado, enfim, em todo o serviço que compete a uma dona de casa executar. Não há cantos escondidos para elas. E' satisfatório o resultado da experiência. Há tempos vi eu ao serão todo o pessoal reunido em conversa com o Senhor Fulano (não usa título) a destinar a vida, onde todas davam a sua opinião e se discutiam as maneiras de ver. Esse senhor muitas vezes me tem pedido informações de como é o ambiente, o modus vivendi da «Casa do Gaiato». E' um «meditador do Gaiato».

Que a revolução se há-de fazer, disso não pode haver duvida. Porém, não esperava que tão depressa começasse! Não, certamente, pela novidade ou excelencia da doutrina. Ela não é nova. Há só um método de formar para a verdadeira vida esta classe de mocidade. Ele vem escrito nas almas. O livro é errado. O dos regulamentos, não se fala.

Pois muito me alegro e cuido que aos meus leitores vai acontecer a mesmissima coisa. Vão assim caindo as escamas dos sapientes olhos de muitos mestres e de muitas mestras. Destas é mais difficil, sim, mas também hão-de cair.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Mais o peditório nas igrejas de Santo Ildefonso e das Carmelitas, às missas das onze e do meio dia, o qual rendeu à beirinha de cinco contos. Mais no *Espelho da Moda* muitas declarações de amor à criança sem talher.

Eu vou contar uma coisa, a perpetuar. Escrevo esta em Março. Na segunda semana de Março. Ora em Fevereiro é que eu costume receber do Fundo de Desemprêgo o subsídio anual, que começou em 1943 e tem-se repetido — todos os anos. E como assim é. E como consta que as receitas do Fundo não parecem haver diminuído. E como consta, também, que a necessidade de trabalhar neste ramo é cada vez mais pavorosa, que fiz eu? Resolvi continuar no mesmo ritmo, fiado na boa vontade dos que podem e mandam. Não tenho tempo de esperar. De uma vez, um funcionário do Estado ralhou comigo por fazer assim. *Que não. V. adianta-se sem pedir licença e depois vem-nos incomodar. Isso não é caridade*, disse. A seguir, o mesmo senhor ensinou-me, dizendo que primeiramente se faz o orçamento, verifica-se se há dinheiro, e só depois se prossegue. E por ultimo rematou: *Eu faço assim. Ordem. Disciplina. Ea sou discipulo de Salazar.*

—E eu sou discipulo de Jesus, disse. Sim. Não tenho tempo de perder tempo. Mas o certo é que estamos hoje a tantos de Março e nada. Mais. Estive em Lisboa a semana passada, e o céu era pardo...! De maneira que tudo junto e ainda porque a carne é fraça, começo de me entristecer, a pontos da malta querer saber o que é que eu tenho! Mal sabem que é precisamente por eles que eu ando assim triste! Eles são a minha alegria. Eles a minha tristeza. Isto aconteceu ontem. Há o natural receio de não poder honrar os meus compromissos. Cem operários a trabalhar. Trezentas bocas a comer. Eu com as reservas no fio. O subsídio demorado. *Senhor, salva-nos, que morremos afogados*. Era o grito do meu peito! Passeio no refeitório, ao longe das mesas, a vê-los comer tão alegres, tão descuidados! Depois da ceia, vou à camarata dos pequeninos, por um bocadinho de alento. Dormiam todos. Beijei-os um por um. Foi a minha oração da noite. Daquella noite aflita. *Senhor, que morremos*. No dia seguinte estava ao pé da casa três, quando vejo alguém subir a avenida. Dirige-se a mim e pergunta se eu é que sou o P.º Américo. *Sou sim senhor.*

—Tome lá que manda a meu patrão.

—O senhor vem cá de propósito?

—Sim. Havia de ter sido ontem. O meu patrão deu-me ontem o envelope, com recado de o trazer, mas só hoje me foi possível vir.

Ontem, disse o mensageiro. Ontem, tinha eu passado por entre as mesas, no refeitório. Ontem, tinha eu beijado os nossos mais pequeninos, em seus leitões amorosos. Ontem gritava eu: *Salva-me!* Hoje vem a resposta: *Homem de pouca fé, porque duvidas?*

Quantos não teem pregado nos pulpitos, às multidões, o mar encapelado da Galileia, o batel em perigo e a aflicção dos tripulantes um dos quais era Jesus. Quantos?! Pois nenhum como esta *Obra*. Porque. Porque ella é o Evangelho em sangue! Gosto de pregar assim, primeiramente,

CONTINUA NA TERCEIRA PAGINA.

NOTA DA QUINZENA

Dois dos nossos que trabalham no Porto viram, há dias, uns farrapõesitos, assim como eles também foram em tempos não muito afastados, e souberam que eles tinham estado em Paço de Sousa, aonde pediram entrada. Não ficaram. Nem aqueles nem infinitos outros.

Ora os dois, sabendo deste lamentável acontecimento, procuram-me, em comissão, e expuseram suas vistas. *Nós devemos ter uma hospedaria, disseram, possamos receber por algum tempo os que vão de viagem, para os lavar e vestir decentemente.* Um, falava em se construir uma pousada. O outro, era de opinião que talvez se podessem apropriar alguns quartos, outrora celas do antigo convento. Ambos lamentavam que os dois pequenos tivessem ido embora. Isto deu-se tal qual. Ai de mim se eu mentisse!

Foi o Adriano, que trabalha na Camisaria Confiança. E foi o Zé Eduardo, que trabalha provisoriamente na Casa Nun'Alvares. Digo provisoriamente, porquanto ele está talhado para outra missão. Já lhe perguntei se o posso matricular este ano no Liceu. Ele é que me há-de dar licença!...

Pois muito bem. Foram os dois. E aqui já se responde aos que sincera e afflictivamente põe em seu coração o problema dos continuadores da obra. E também começa a confusão dos que afirmam acabar a comédia quando o macaco morrer.

Foram os dois, sim. Dois da obra. Os legítimos continuadores estão na obra. Estes dois rapazes de que nos ocupamos hoje, são um terrível documento. Uma esperança. Uma promessa. Nós respeitamos absolutamente a liberdade de pensar e de dizer, inata na pessoa. Os rapazes podem dar as suas opiniões. E' precisamente por isso que nós temos mais facilidades em conhecer, probabilidades em corrigir, maneiras de orientar. A opinião franca dos dois, é um fruto do modo de ser da nossa obra. Tenho vergonha de confessar que jámais em tal pensei e perfilho-a absolutamente. E se a nossa divisa fosse o comer e calar, como costuma ser com os menores desta natureza?! Como e onde haviam de tratar as coisas grandes? As generosas. As verdadeiramente humanas. As aspirações ao divino—como? A luz é para estar em cima do alqueire!

Acusam-me de comunista. Sim. Sou comunista... cristão. E' justamente por isso que, além dos haveres de cada um, respeito, também e muitíssimo, os seus dons espirituais. A liberdade é o maior. Deus cria o homem livre e respeita-lhe a liberdade. Chama *feliz* àquele que pode fazer o mal e não o faz; ao que pode transgredir e não transgride. Isto é; livre e libertino são palavras antagonicas. Uma merece prêmio, outra castigo,—o fruto natural da nossa liberdade. Sim. Sou. O verdadeiro, o autentico, o único comunismo é este Evangelho, por ser o de Cristo Jesus.

Amo. Respeito a pessoa humana, com todos os seus atributos. Detesto a série. A tutela. A escravidão. Agora mesmo saíram daqui o António mai-lo Amadeu, de me comunicarem a sua ida ao Porto, aonde vão comprar um fato novo e tirar o retrato. Foram sósinhos. Cidade aliciante! Dinheiro na algibeira! Idade curiosa! Que importa? Bem-aventurado seja aquele que pode transgredir e não transgride. Os meus filhos estão devida e cuidadosamente informados das verdades eternas. Se quiserem, podem cumprir.

Eis a nossa escola *risonha e franca*. Os dois interessados na hospedaria de que atraz se fala, são desta escola. Por amor dela, é que eles pensam, falam, discutem, combinam em família. São, ainda, desta mesma escola dois que já chamamos e outros que devemos chamar oportunamente aos postos de sentinela.

Atenção

Muita atenção. Domingo do Bom Pastor, ou no dia 20 de Abril se quiseres, ou ainda, amanhã, se te der mais jeito, conto tomar o fio dos peditórios na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, do Marquês. Recomeço ali e devo ir por elas todas até ao verão. Não faltes e escuta.

Sempre que vejo o célebre «Gaiato» comprado; mas, como os «galatos» não vendem o jornalzinho à saída de todas as missas, logo que falta à igreja do costume e tenho de ir a outra, perco o jornal. E que grande desconsolo!



Não seria possível pô-lo à venda nos quiosques, ou nas sacristas de todas as igrejas? Eu gostaria tanto de o assinar! Mas vivemos, eu e minha filha, dos nossos modestos ordenados. Não sei se, dando 15\$00 de seis em seis meses, este «bocadinho» chega a ser uma assinatura. Se fôr, então, aqui está a minha direcção: Se eu receber o jornal é porque pode ser e então envio a importanciazinha. Está bem assim?

Se não chegar, continuarei a comprar o «Gaiato» sempre que o encontré à venda, e sempre que posso, dou mais uns tostoezinhos.

Lemos o feiticeirinho de fio e pávio e ao fim voltámo-lo e tornamos a voltá-lo entre as mãos com a esperança de nos ter escapado algumas linhas. Mas, isso sim! E' tão pouquinho! A gente, chora, chora, mesmo quando se ri. Mas, é um choro de amor, de alegria e de consolação.

E como tudo ali é novo, ou melhor, como tudo aquilo é autentico e velho «ouro» a rebentar as grosseiras e velhas camadas de rotina e desfiguração do Evangelho.

E' «juntar» com Jesus ajudar a Obra! E ela é realmente o escandalo, a contradição e até a incompreensão. Tenho ouvido os mais variados comentários sobre a Obra da Rua. A maior parte é de louvor enternecido. Mas, já ouvi um «senhor» dizer depois de ter lido algumas linhas do «gaiato»: *é interessante, mas não convence.*

Outros («democratas» dizem eles) gostam do Padre Américo... porque *ele chega* para os católicos, para *ele* tanto faz ser protestante como católico, como até ateu, não é preciso a religião para a gente ser honesto e bom, mesmo sem a Igreja vive-se honrado, etc., também *«chegou»* às Caixas de Previdência, e dos padres só se aproveita um unico, o Padre Américo», etc., etc. Incompreensão! Incompreensão! Da obra em si, embora simpaticem, nada! Nem uma palavra! Mas, o escandalozinho do jornal interpretado pessoalissimamente! No entanto, leem o Gaiato, alguns assinam-no ou compram-no até. A Obra, sem que o sintam bem, toca lhes o coração. Só os mais fanáticos não perdoam que semelhante maravilha seja feita por um padre.

Eu sirvo-me de todos os meios para o fazer ler, empresto-o, dou-o, ponho-o em sitios onde pode chamar a atenção, etc. E os corações comovem-se... mesmo a puxar a brasa para a sua sardinha...

Quando é exibido o Documentário da Aldeia dos Rapazes? Anunciem no jornal, sim? Os que não tem a felicidade de a poder visitar e lá deixar do seu pouco ou muito, ao menos, veem-na no ecrã.

Vou mandar o «Gaiato» a pessoas amigas do Brasil e da Califórnia.

Perdão por este desprezioso arrazoado. Vai em *estilo* Padre Américo e não conheço nada de mais simples e profundo ao mesmo tempo.

Que Deus guarde o Padre Américo por muitos e largos anos e multiplique em Portugal as Casas do Gaiato, são os meus votos.

Eu poderia encher delas o *importante* quinzenário de tantas e tantas que recebo! Gosto da diversidade. Da discussão. Do falatório. Da poesia. Claro que todos interpretam à sua maneira, ou *puxam a brasa à sua sardinha*, como diz o *feiticeirinho*.

Sim. Pretendem que esta doutrina seja a doutrina deles, mas não é assim. Não pode ser assim. Ela é unicamente e simplesmente a doutrina do Mestre. Quem não estiver com ela, está *por isso mesmo* contra ela.

Ele há só Um Mestre. Tudo o mais são mestricos com seus livricos.

Cuida-se, ainda, que alguém possa ser simultaneamente protestante com os protestantes, judeu com os judeus, espirita com os espiritas, católico com os católicos, e assim por diante. Ora não é verdade. Isso seria não ser. Eu cá tenho só uma casaca. Casaca que não dou, nem viro, nem troco.

Agora, se eu disser que me faço tudo para todos, para que todos sejam meus, isso sim. Isso faço. Mas não deixo de ser católico. Católico, apostólico, romano. Sou da Santa Madre Igreja Católica, aonde espero morrer.



O grande Pontífice S. Gregório de quem o calendário faz hoje menção, o amigo dos pobres de Roma de quem possuía uma lista completa e minuciosa e a quem sustentava diariamente, o bom pastor que presidia aos destinos da cristandade nos tempos calamitosos em que os barbaros estavam às portas de Roma — cansado de pregar no deserto a uma sociedade bolorenta, com mão firme no leme da Igreja, clamava ao seu clero afeito às medidas dos salões elegantes: *passemos-nos aos barbaros!*

Os vícios daquele tempo: a idolatria do dinheiro, o egoismo dos ricos, o desprezo dos desafortunados a luxúria dos nobres a vida frívola das Matronas, etc., fazem aproximar aquela época, dos tempos de hoje.

Pois que outros continuem a ser o sal e a luz de tal sociedade, que eu nunca me arrependerei de ter passado aos *barbaros*, estes estrangeiros e proscritos na sua própria terra, que encontro aí pelas ruas, pelos lojões, na abegoaria e mais espeluncas.

Por volta do meio dia atravessam a baixa os carros que vêm de despejar o lixo. Os veículos alinham na garage, as mueres correm para a manjedoura cheia de palha que retrassam com avidez, quarenta homens e trinta garotos sobem à imunda cozinha para preparar o almoço. Passam uma sardinha pelas brazas, metem-na na broa de farinha meio moida, rogam uma praga ao padeiro e comem com apetite. Gosto de entrar àquela hora. Dirigimo-nos a uma saleta.

—Vamos lá meus amigos, quem é que já sabe fazer o sinal da cruz?

O Vitor, um miudito apanhado por eles no lixo e com quem repartem a broa, lá vai fazendo uma garatuja. Levanta-se em seguida um homem de quarenta anos. Passa a broa ensardinhada para a esquerda, e experimenta: *livre-nos Deus—Nosso Senhor—dos nossos inimigos...*

—Quem são esses inimigos.

—Se calhar são os que nos querem mal!

—Quem é que vos quer mal? Olhem: um desses inimigos têm-no vocês na mão... Muito admirados, olham para elas, a mirar...—Sim, esses micróbios que estão a comer porque não lavaram as mãos!

Aprecio mais este sinal da Cruz que aquele pobre homem vai repetir amanhã, ao recomeçar o dia às cinco da madrugada, do que aquela missa do meio dia das pessoas chiques, muito pintadas, e perfumadas, onde nem faltam os acordes do órgão monumental para tornar o acto menos fastidioso. Acho uma provocação ao Mártir do Gólgota, àquela Hóstia em sangue, ali imolada no altar. *Passemos-nos aos barbaros!*

Entro agora noutra templo. O guarda-vento ostenta uma fotografia com uma duzia de caritas amarelas. E' o *escol* dos filhos das melhores famílias, que fizeram a sua profissão de fé. Subo à Conchada onde há tempos organizamos a instrução religiosa daquele bairro. São cento e tantas crianças que ali vem à sopa e a uma palavra de orientação. Há olhos cheios de pustulas, tinha em muita cabeça, farrapos em muitos corpitos, mas encontra-se também o desejo duma melhor vida. Um rapazito, confidencia enquanto conta os botões da batina: rei, capitão... eu cá queria ser como o senhor?

—Para quê?

—Para sair daqui. Sabe lá o que isto é?!

—?

—Olhe que há muita gente que não é capaz de vir cá de noite. Isto é um inferno... Eu também queria ser *pardel*...

Passemos-nos aos barbaros!

Eu terminava já aqui, apesar do muito que tinha para contar, se não recebesse, neste mesmo instante, ao pôr aquele ultimo ponto de exclamação, uma mensagem comovente. Eram dois lixeiritos, cara suja do estêrco que recolheram, esfarrapados. Querem falar ao mesmo tempo, mas um deles não consegue porque as lágrimas lhe embargam a voz: «Senhor padre Adriano, o Vitor foi muito mal tratado por um homem que até o calçou aos pés. Os homens todos *à uma* e nós vimos pedir-lhe para o levar para Miranda».

Passemos-nos aos barbaros!

PADRE ADRIANO.

Um automóvel

Do que nós necessitamos

Noticias da Casa do Gaiato

por Carlos Alberto Freitas

Continuação da primeira página

Meu dito meu feito. No dia marcado, tomamos o caminho da Régua, com o pequenino Jaime dentro, indagar. Ele dizia ser de lá. Era a primeira viagem do carro. O baptismo do carro, em serviço da Casa do Gaiato. Iamos muito devagarinho. Por novo, seguia o automóvel em seus quilómetros acautelados. Escolheu-se a margem do rio Baião-Régua. A torrente do Douro no fundo! A primavera invernosa no cimo! Oh beleza inenarrável! «Relampagos e nevoeiro. Ventos desencadeados. Mares e torrentes. Gelos e chuvas. Nuvens suspensas nos espaços celestes: — Obras do Senhor, louvai o Senhor».

Aqui está o turismo dos cristãos. Assim se lê no livro da natureza e por esta natureza e por esta leitura, chegamos ao Creador. Eu ia ali regalado. Fui a lêr até à Régua. *Montes e colinas, louvai ao Senhor.* E no regresso, pela outra margem do rio, na mesma. *Orvalhos e nevoeiros, louvai ao Senhor.* Foi um dia de leitura.

O pequenino Jaime, não era da Régua! Grande história havia de ele ter escondida dentro do peito, para aguentar por tanto tempo o recado que lhe deram: *eu sou da Régua.* E tudo o mais que ele narrava, com segurança e fidelidade! Qual será a tua história, meu filho, dizia eu comigo mesmo, no caminho da casa! Chegamos. A noite houve tribunal. Dei contas à comunidade de tudo quanto nos sucedera. O pequenino gemia, embaçado. Havia nele uma coacção misteriosa. Tão pequenino! Uns 9 anos? Não sei! No dia seguinte há rumores na aldeia. Ele dizia que era de Meinêdo. A outros, que de Lousada. A outros, que do Porto. Aqui, ramificava: São Roque da Lameira e outros nomes de ruas. Começava a criança a libertar-se. Sem dizer nada a ninguém, de novo tomo o carro, e dirijo-me ao Curador de Menores no Porto, com o pequeno na minha companhia. Exponho. Deixo-o ficar. *«Se fôr abandonado, é meu. Se tiver família é dela».* E desandeí. Ao chegar a casa, todos querem saber. Reuni tribunal e dei satisfações. Passaram-se dois dias. Aí vem o pequeno de novo ter comigo e com ele o relatório oficial. Está guardado. Não digo a ninguém, por vergonha! Todo o pavor. Toda a tristeza. Toda a desgraça desta criança está na sua história. Não tem mãe! Morava numa ilha do Porto. Ouviu ali falar e lançou-se no caminho em procura da Casa do Gaiato. Achou a Casa do Gaiato. Nunca ninguém disse tanto a favor dela! E' da boca dos inocentes que brotam os louvores verdadeiros! Mas agora pergunta-se; porquê um automóvel a epigrafar!? Que faz o carro novo, na tragédia do pequenino sem mãe? Aumenta o valor do objecto e a consolação de quem o ofereceu.



A Nossa Páscoa

Ou é agora que mandas pró Depósito a tua páscoa, ou já não vai a tempo.

Os nossos do Lar do Porto, devem embarcar na estação de S. Bento, nos comboios da tarde de sábado de aleluia, e teem instruções de procurar no 54 dos Clérigos, outro nome do Depósito, o que porventura lá possa haver para a Casa do Paço de Sousa. Eles veem fazer a páscoa. Beijar a Cruz. São uns trinta deles; junto aos que cá temos, vão pra mais de 160! E se viessem também os de Coimbra? E se viessem também os de Miranda? E se fossemos buscar as legiões de estrangeiros; os nossos estrangeiros, aqueles que não fazem páscoas nem beijam a cruz... por nossa culpa! Que mundo deles não seria aqui! Pois bem.

Não enganes os que cá temos. Os do Porto vêm uns no comboio das 14.45. Outros, no das 17.28. Outros no das 18.30 e finalmente no das 19 e quê; tudo consoante as suas horas de trabalho. Todos receberam instruções de procurar no 54: *Faça favor de nos dizer se cá vieram pôr alguma coisa prá gente.*

Oh non; não apareças nesse dia! Além destas facilidades, tens ainda nas ruas muitos vendedores, no sábado de aleluia, a quem podes fazer entrega. Tem-los, também, nas athenias. Ali, então, é um regalo. Nem precisas de te levantar do sítio. Basta levantar a voz, chamar o creado e... *Faça favor de embrulhar. Faça favor de pesar.* O teu gosto é o nosso.

O Pastelão vai passar a Páscoa com uma irmã que está a servir em casa de uns senhores. O Zé Eduardo também, em casa de uns senhores amigos.

E mais nada.

para consolação de quem ofereceu aquele donativo. Se não é crente, que o seja. Se já é, que o seja mais. Segundo, para consolação dos que trabalham em obras analogas, sem rendimentos, sem legados, sem orçamentos, sem nada. E finalmente, para que o mundo saiba que não há outro senão o Deus de Israel, de Isaque e Jacó. Que ninguém, como nós, têm o seu Deus tão perto.

Mais 20\$ do costume. Mais 43\$ d'uma subscrição. Mais, nascido duma conversa no Escondidinho, uma pancadaria de cobertores de algodão. Mais um pacote de roupas usadas de Santo Tirso. Mais 50\$ de uma promessa. Mais 20\$00.

Mais seis contos e quê do peditório na Igreja do Sacramento. Era eu no pulpito e Amandio, Zé Eduardo e Fernando, a pedir. Não sei quem melhor pregava! Zé Eduardo, na sacristia e saca na mão, dizia, à minha passagem: *aqueça aquilo bem quentinho!* O aquilo era o auditório. Os três mendicantes, contaram o dinheiro, fizeram pacotes, escreveram por fóra, tudo eles! Mais da rua António Augusto de Aguiar, mil escudos e roupas a dizer que a podemos usar sem receios. *O dono cresceu e não cabe dentro.* Cabem os nossos, que os temos de todos os tamanhos. Mais 50\$ de Lisboa. Mais 50\$. Mais 300\$ de um grupo de estudantes. Mais 500\$ de visitantes. Mais 200\$ da Figueira da Foz, de alguém que já antes tinha pago o jornal por 300\$ e a gente disse 30\$, por engano. Mais 50\$ do Porto. Mais um corte da Covilhã. Quem dera mais. Mais roupas usadas de vários pontos do país. Se não fôssem estas roupas usadas, que havia de ser da nossa tropa?! Mais duas peças de cotim e uma dita de riscado, do Porto. Mais 100 metros de chita idem. Mais no Espelho da Moda coisas do arco da velha. E mais nada.

Venda do número oitenta

Não vamos aqui dizer que esta foi como nunca; simplesmente revelamos que foi tão boa como as mais. Mais do que fonte de receita, a venda do nosso jornal é rajada de entusiasmo para todos e escola de perfeição para os vendedores. Sim; digo bem. Escola E' uma aprendizagem de fidelidade às coisas pequeninas. Se eles amanhã hão-de ser homens destinados a prestar contas grandes, bom é que se afaçam agora a não falhar nos tostões. Esta é a nossa doutrina. Quando algum deles cai, e teem caído na tentação de lambêr, logo se põe em tribunal a importância da fidelidade nas coisas pequenas. Nos tostões. Porquê? Porque todo aquele que se esforça por ser fiel no pouco, tem em si a garantia de igualmente o ser no muito.

Eles despacharam catorze livros. Trouxeram nomes de outros tantos novos assinantes. Houve sete deles que lhes confiaram o dinheiro das suas assinaturas. Mais. Eles venderam dois mil e quarenta e cinco números do famoso e os acréscimos contam-se por Zé da Cozinha, 57\$40. Torcato 72\$50. Inácio 39\$10. Ernesto 41\$60. Zé da Lenha 8\$20. Gari 85\$50. Oscar 157\$50. Amadeu 194\$50. Teles 55\$90. Domingos 38\$90. Rui 39\$60. Amândio 48\$10. Esteves 9\$70. Zé Sá 14\$30. Licínio 13\$00. Marques 18\$50. Zé Eduardo 14\$20. Bernardino 21\$90. Oliveira 38\$10. Fernando. 32\$90. Estas são as contas tais quais no-las fornecem os rapazes. Se porventura algum deles nos pretender enganar, é a si mesmo que o faz. Deforma-se. Deshonra-se. E' um traidor ao pensamento da Obra da Rua. Da nossa parte suportamos a grande mágoa e continuamos a dar ao rapaz a oportunidade de reflectir. Não o tiramos da escola. Que o Porto nos ajude assim como tem feito até hoje.

Compradores aparecem, que dão grande testemunho de amor à Obra. Não é raro receber-se uma carta com selos dentro, a comunicar que um dos rapazes dera dois por um jornal, e eles mandam a diferença! Pois se ele é verdade que os estranhos teem tanto e tanto amor à nossa casa, eu quero aqui perguntar aos de dentro, aos filhos, o que hei-de pensar deles, quando se vem a descobrir qualquer falta na entrega dos dinheiros! Que esta minha pergunta sirva hoje de Cantinho dos rapazes. Que seja lida pelo chefe, do Lar do Porto, em acto de comunidade, visto como ali é que se tira a prova real da honestidade dos vendedores. Não são os trocos que estão em causa. Está em causa a consciência de cada um. Ora vamos lá.

Os nossos pobres

O pobre das Miãs, tem andado muito doente, por causa da fome que passa. Sempre que lá vamos, encontramos-lo déitado na manjedura, em cima das palhas. Agora pede sempre para lhe levarmos algum caldito ao meio da semana.

Entrou mais um pobrezinho para a nossa Conferência. A casa caiu por causa do temporal, e o pobre que tem vinte e quatro anos, já fez duas operações ao estomago e não pode trabalhar. Tem mulher e um filho.

A tia Laurinda andava muito triste por não poder pagar a taxa militar do homem dela. Deixou-a atrasar e agora tem de pagar o dobro. Nos anos anteriores pagava sempre a taxa, porque uma ovelha que tinha dava sempre dois cordeiritos, mas este ano só teve um. O telhado deste pobre, também precisa de ser arranjado, porque chove lá dentro como chove cá fora.

Vão ser admitidos para a Páscoa, mais dois rapazes para a nossa Conferência. Oxalá que eles façam tão bem aos pobres, como fez o bom Samaritano. O nosso presidente demitiu-se, pela Páscoa. Vamos eleger outro.

Noticias diversas

Nem só de pão vive o homem. No dia 25 de Março, na Igreja de Santa Cruz, em Coimbra, fizeram a sua desobriga todos os rapazes e algumas raparigas, que estiveram nas colónias de férias, na Snr.ª da Piedade. No fim da Missa foram todos tomar o café num restaurante e à tarde fomos assistir à Coroação de N. S. de Fátima. Foram de cá alguns rapazes da Conferência.

As nossas obras vão indo devagarinho. Já deitamos outra casa abaixo, para continuarmos a fazer novas casas. Era a camarata do Sérgio. O Camilo e o Venâncio, vão todos os dias à pedreira buscar pedra. O Manuel Pedreiro amassa cal, e dá aos pedreiros. O Júlio, de Belém, é um ótimo servente. Há-de ser também bom pedreiro.

Já começamos a sementeira das batatas. Precisamos doutro boi, porque este anda muito cansado; mas a estas horas, já o Pai Américo deverá ter recebido uma carta do nosso boiivo.

O Porto foi novamente para o Porto. Deus queira que ele não a emagrecer tão depressa, porque as viagens, agora custam um dinheirão; e que ele se porte bem.

Esteve cá há dias o Pai Américo. Veio no automóvel novo. Jantou com nós ao meio dia e depois foi-se embora mais o Sr. P.º Adriano. No automóvel seguiu viagem, o Lisboa que anda aprender a serralheiro. Quem lhe dera ter idade para tirar a carta. Deixou saudades e levou saudades.

Foram a Coimbra vender o Gaiato: Pedro, Manteigas, Bucha e Carlos.

Venderam perto de duzentos e trouxeram poucos acréscimos e uma assinatura. O Gaiato continua a ser vendido em Coimbra, Lousã e Miranda. Em Coimbra vai ser vendido aos sábados e domingos, só por gaiatos desta Casa, porque os outros não merecem confiança mentem dizendo que são da Casa do Gaiato e ficam o dinheiro das assinaturas.

CRÓNICA DO LAR DO PORTO

Noticias da Conferência

Distribuímos aos nossos pobresinhos um saldo de batatas e azeite, que havia do Natal. Resolvemos dobrar a esmola semanal passando a dar-lhes 20\$00. Os pobresinhos dos Guindais, um infeliz casal, foi contemplado com um colchão e um lençol, pois dormia, por assim dizer, em cima dos ferros, da cama estando o colchão num estado miserável. Estes pobresinhos são dos mais necessitados. Apelamos aos nossos bondosos leitores que precisamos de mais um lençol para a cama daqueles desprotegidos da sorte. O Amândio levou a veltinha ao médico porque ela vê muito mal. O médico examinou-lhe a vista e disse ao Amândio, se ela continuasse cada vez a ver menos, que teria de ser hospitalizada para ser submetida a uma intervenção cirúrgica. Quando receberam o colchão que o nossa Conferência lhes deu, nem quizeram comer de contentes. O Amândio que era aspirante, na Conferência, passou a confrade, pelo zelo e assiduidade com que trata estes infelizes pobresinhos.

O Arouca, um dos habitantes de Paço de Sousa, esteve algum tempo no Porto, para ser operado. Graças a Deus o nosso Arouca saiu-se bem da intervenção cirúrgica, e regressou ao salvo à nossa Aldeia de Paço de Sousa. Quando o fomos buscar à Casa de Saúde, uma freira mostrou-nos, muito gentilmente, todos os compartimentos daquela modelar Casa de Saúde. No fim quando iamos pedir contas à Madre Superiora, respondeu-nos esta que não era nada; bem haja, que Deus lhe pague.

Itso é a Casa do Gaiato

CHEGARAM aqui agora mesmo, a bufar, o António mai-lo Alfredo. Vinham da administração de *O Gaiato*, instalada provisoriamente numa dependência da casa trez. Eles pertencem ó corpo administrativo do quinzenal, agora sósinhos, pela ausencia do senhor administrador, que lhes marcou tarefa, antes de sair. Ora foi nessa tarefa que eles deram com uma nota de cem escudos, entre a papelada. Deram com a nota, lançaram-lhe a mão e vieram aqui trazer—a bufar:

—Eu é que dei com ela.
—Mas eu é que lhe botei a mão.

Tão excitados vinham os dois e tais coisas me disseram, que eu só pamei da nota vir inteira!

ESTAVA eu hoje a preparar-me para celebrar, quando oíço o sacristão dizer-me ao ouvido que fosse á sacristia vêr.

Estava lá o *Sapo* com uma galinha morta. O *Sapo*, o *Magala* e outros. Todos quantos estiveram presentes ao acidente, vieram narrar. Impossível dar a palavra sómente a um; ao *Sapo*. Impossível. O caso tinha impressionado as testemunhas de tal maneira, que todos falavam ao mesmo tempo, por palavras suas. Oh barulho! O remédio foi mandar tudo embora para ao depois indagar. Indaguei. Foi assim: o *Sapo* estava a dar milho às galinhas. Uma engasgou-se e morreu. *Ainda está quente!*

DUAS perúas largaram por aí abaixo, fizeram ninho e estão actualmente a chocar ovos. Muito bem. Até aqui, nada de novo. O pior é que se notava a presença de ovos estranhos. Cada dia mais ovos! Foi-se a vêr e descobriu-se. Eram os rapazes. Rapazes que descobriram os ninheiros e andavam agora atrás dos ovos das outras perúas para os botar debaixo das aninhadas! Deu-se ontem o aviso. Explicou-se o mal daquêlo *zelo*. Vamos a vêr.

Aonde não entra a malícia, basta a demonstração.

RECEBEMOS de Lisboa umas tantas navalhas usadas. Entre-

guei ó *Periquito* prá nossa futura loja de barbeiro e perguntei-lhe a opinião da oferta. A minha, já se vê, é a melhor: Oferta de objectos que serviram num lar cristão. Não assim, porém, a do *Periquito*:

—São boas pra rapar cachaços dos homens, mas prá cara dos senhores, não!

Ora eu fiquei um bocadinho desedificado não sómente com a opinião, mas também com aquêlo seu distinguir entre *homens e senhores*. E contudo eles distinguem. Eles são terríveis neste particular. Sabem quem é o *senhor*. Sabem quem é o *hom m*, dando a cada um o seu valor social.

CONTINUANDO com o *Periquito*, que tanto tem valorizado e continua a valorizar o jornal, vamos contar mais uma. Estava êle ocupado com a minha barba, quando entra o Maioral, em serviço. Dá o recado, vira costas, e começa *Periquito*:

—Está tudo arrependido de lhe ter dado o voto.

—?!

—Sim senhor. Tudo arrependido. Eu cá, não lho dei. Eu dei ó Rio-Tinto.

E depois de fazer as suas considerações sobre o caso, termina, ameaçador: *Ele que vá gozando que pro ano não é chefe!* Ora fiquei eu outra vez um nadinha desedificado com o conceito que o *Periquito* faz de um chefe. Da função de um chefe: *Ele que vá gozando!* Espera-se que os companheiros, sabendo isto, não caiam em elegê-lo, não suceda virmos a ser governados por um gozador, em vez de um trabalhador. Que o *Periquito* fique a saber!

TRES dos nossos mais velhos, o Jacinto, o Sérgio e Maioral, deliberaram passar revista á chusma dos operários e trabalhadores das obras da aldeia: pedreiros, carpinteiros, troilhas, pintores e jornaleiros. Não o fizeram á tóa. Antes, veio o Maioral falar comigo e expôr suas razões, das quais se concluiu haver infelizmente razões para tal procedimento. Os revistados portaram-se bem. Sofreram o pequenino incomodo com dignidade. Sabem eles,

de sobra, que há necessidade de assim se proceder de vez em quando... O que eu muito apreciei foi a iniciativa do Maioral. O zelo dos rapazes. De escravos que eram, são hoje senhores. Assim tem de ser. Pois se eles são filhos e herdeiros de uma Obra social cristã!

EU sou muito acusado de deixar ir as coisas e também de deixar fazer *cêra*. *Ele não faz caso. O dinheiro não é dêle*. O mundo ralha de tudo. Quem faz a casa na praça, vem um e diz que ela é grande. Outro, e diz que é pequena. Ora eu bem sei quem trabalha e quem *faz cêra*. Quem é honesto e quem não. Sei, sim. Mas aonde vamos escolher? Aonde a responsabilidade? Aonde a consciencia? Quem ensina á mocidade trabalhadora estes principios? Quem lhe dá a noção do dever? Era dum vez uma empreitada de milhares de homens, algures, no globo. Havia de muitas nacionalidades. Havia capatazes, a olhar. Os grupos aceitavam os olhares do capataz. O capataz era considerado necessário para aqueles grupos, sem o que tinhamos *cêra*. Muito bem. E' á nossa moda. Porém, havia ali certos grupos de certa nacionalidade, aonde o capataz não fazia falta nem seria nunca aceitado pelos trabalhadores. Tal o seu brio, a sua responsabilidade, a sua consciencia. Ora eu, que venho de lá e tenho cabelos brancos, antes queria que todos se entristecessem de observar o panorama e procurassem corrigir, em vez de clamar.

ESTIVERAM aqui ontem 4 monges beneditinos, sendo um deles de nacionalidade belga. Este era D. Abade, assim como também era um dos monges portugueses. Gostei de os vêr aqui. No que foi deles! Em baixo, nos claustros, osadas de irmãos. Heras. Musgos. Fontes. Colunas. Relíquias.—Um clamor suspenso que não cai, nem pausa, nem se desfaz. Tudo foi deles! Gosto dos monges beneditos. Eles foram e são os grandes amigos dos homens. Quando a Europa era mato e desordem vieram eles semear luz. Desciam. Conviviam. Davam de comer. En-

sinavam artes e gramática. Eram os amigos dos homens. Quando *alguém adoecia, lá estava o enfermeiro e a galinha morta*. Isto é informação dum Velho destes sitios, que a tem dos seus antepassados. Eram. São os grandes amigos da humanidade, porque eminentemente humanos. Se hoje alguém os visita em seus mosteiros, come a mesa com eles da mesma comida, no mesmo refectório, participando da mesma leitura, testemunha dos costumes e da Regra. Vá a gente aos conventos das outras ordens e verá como é!.

Sim gosto dos monges da regra de S. Bento. Eles os primeiros. Eles os mais humanos. Eles os menos misteriosos. Salvo erro ou omissão.

UM dos nossos mais pequeninos, tomou há dias um visitante pela mão, levou-o á cozinha e disse: *olhe a mãe*. Era uma galinha com pintainhos. A um dos cozinheiros, indiquei eu, ontem, dois pintainhos empoleirados sobre a galinha, e esta aninhada sobre os mais.

—Olha prácolá!

—E' a mãe, disse o cozinheiro.

Este já é meio homem. Já dá quinze tostões ó *Periquito*, por cabelo e barba. O outro, que falou ao visitante, anda nos cinco anos. Um pequenino. Outro mais crescido. Todos tem a mesma opinião, acerca da galinha choca, com os pintainhos em redor: E' mãe. E' a mãe. A Mãe é a trave mestra do mundo! Caia ela e o mundo cai!

Estes rapazes nunca viram; nunca tiveram mãe, mas sabem como ela é. Sabem que ela aquece; que ela bafeja; que ela protege; que ela chama para comer, e não come sem os filhos chegarem!

Tão convencidos estão destas verdades que por verem a galinha fazer assim, chamam-lhe a mãe. E' a mãe!

Senhor do Céu! As coisas grandes, as maiores lições do mundo, são tiradas das coisas mais pequeninas! Tão pequeninas, que

poucos são os que as observam. E contudo, elas são a lição.

A menina Maria da Luz veio fazer uma visita á gente. A menina Maria da Luz foi e seria nossa, se a sua saúde o permitisse. Trabalhou alguns meses na obra e disse, por obras, quanto valia! Pois veio, sim senhor. Foi á estação de Cete, uma pequena deputação, daqueles que tiveram a felicidade de estar doentes, durante o tempo em que ela foi a nossa enfermeira. Foram esperá-la ao comboio.

A' noite sem ninguém fazer conta, houve uma hora de arte imediatamente a seguir á ceia. O orfeon esteve á altura da festa. Vozes. Mestre. Inspiração. Bom gosto. Sim senhor. Falaram o Planeta, o General e o Sapo. O Pastelão fazia a apresentação dos oradores. Era em cima da mesa, depois dos pratos arrumados, que os oradores usavam a palavra. Um dos mais pequeninos, o *Pombinha*, fez um pedido: *que a menina Maria da Luz se não fosse amanhã embora, mas que ficasse alguns dias com a gente*. O pastor, o *Zulmiro*, assobiou algumas das suas famosíssimas árias. Ele é que nem uma flauta.

OLHA lá, *Periquito*. Devagari-

nhó!
—Não tenha medo. Eu venho agora mesmo do senhor professor e não lhe fiz nem sequer uma pintinha de sangue! Já se sabe do que se trata, pelo diálogo acima. A novidade, longe de socegar, assustou-me mais! É. Aquela *pintinha de sangue!*

Este número de
"O GAIATO"
foi visado pela
Comissão de
Censura do Porto

ASSINATURAS PAGAS

O administrador do periódico anda-me aqui a seringar há um rôr de tempo, que há muitos assinantes, alguns, até, desde o principio, que ainda não pagaram. Eu cá responde: *olhe prós que chegam de novo e deixe os mortos enterrar os mortos*. O nosso jornal, é dos vivos.

E' sem favor o *melhor jornal do império*, como vem a dizer o cartão de um assinante, com cem milreiros lá dentro! Ora assim é que é. Eis uma apreciação a falar. O jornal é, sim, o maior do império, por causa da obra que tem atrás de si: Tire-se-lhe a obra e que fica? Mais um jornal, de tantos que há. Mais um jornalsinho e só isso. Estiveram aqui há dias um rôr de visitantes, trazidos pelos seus dizeres. Observaram e observaram. *Isto e mais e melhor do que se diz no Gaiato*, foi exclamação unânime.

Não fazem favor nenhum a ninguém, estes que assim exclamam. Os favorecidos são eles. A alegria vai com eles. A obra, de por si, não é com isso aumentada ou diminuída.

Uma coisa que muito há-de interessar os nossos leitores, é o saber que uma lista recente de novos assinantes, é toda feita de nomes do Ar. Já tinhamos muitos da Terra. Teem vindo muitos do Mar. Agora, das nuvens! Gosto destas listas. São nomes de categoria. São capazes de compreender e de amar a *Obra da Rua*. A carta vem assim a dizer:

«Gostaria de poder mandar-lhe todos os nomes da Aeronautica, mas espero que estes meus amigos consigam outros amigos. Quando começarem a ler, suceder-lhes-á como a mim me sucedeu...» Assim o espero. Sim. Que semeiam luz, eles que andam mais perto do sol!

Uma outra carta vem assim adizer:

«Impressiona-me de tal modo a leitura de *O Gaiato* que sinto a necessidade e obrigação minha de tornar conhecida a obra.»

Manda uma lista de desoito assinantes. São todos de Peniche. Aquele *sinto a obrigação minha* é o sangue a falar. E' o facho. Assim se fazem as revoluções do bem ou do mal.

O que anda agora muito afinado, mesmo muito afinadinho, são os vales do correio. Vem tudo para Cete. Sim senhor. Tirante um teimosinho de há dias que implicou e escreveu Porto, os mais assinantes apuraram-se todos.

Vivam eles.

Dr. Manuel Carlos Belo de Almeida Serra, Lisboa, 20\$; João de Matos, Condeixa-a-Nova, 20\$; Menina Maria Flávia de Monsaraz, Estoril, 30\$; Menino António Duarte de Monsaraz, Estoril, 30\$; Beatriz Viveiros Pereira, 20\$; Sara Calista, 20\$; Maria de Lourdes Valadas França Félix, 30\$; Domitila de Carvalho, 50\$; Engenheiro Herculano de Carvalho, 30\$; Josefa Rojão, 50\$; Dr. Amadeu Cayolla Bastos, 50\$. Todos de Lisboa.

Júlia Seabra de Castro, Anadia, 100\$; Constança Pessanha, Lisboa (2 anos), 70\$.

Tenente António Mendes Machado, Limede-Cadina, 100\$; Isaura Migueis, Cantanhede 25\$; Hospital do Arcebispo de Cantanhede, 20\$; José Estremoz, Lisboa, 100\$; Maria Fialho Prego Barroso, Aldeia Nova de S. Bento, 40\$; Padre Manuel Resende, Seminário de Resende, 100\$; Creados do Seminário de Resende, 20\$; Padre Simão Morais Botelho, Seminário de Resende, 20\$; Padre Sebastião Ferreira Lages, Touro-Vila Nova de Paiva, Amélia de Castro Tavares, de Sousa, 40\$; Maria Francisca Valente Ruela, 20\$; Maria do

Rosário Mansa Portugal, 20\$. Todos de Murtoza: José Pais Neto, Penafiel, 20\$; Francisco Maria da Luz Nunes, Porto, 50\$; Lourenço Fernandes Tiago, Covilhã, 30\$; Tipografia Fonseca L.da, Porto, 20\$; João Valente de Matos, Coimbra, 20\$; Bárbara Azevedo Neto, Côte-Real-Cortiçada Aguiar da Beira, 50\$;

Prof. Gabriel Ferreira Nunes, Penafiel, 20\$; Abel de Matos Ferreira, Tondela, 150\$; Tenente Manuel Simões Rosa, Setúbal, 50\$; José Carvalho Simões Maia, Monção, 50\$; Dr. Francisco Gomes Cruz, 100\$; Albano de Matos Ala, 100\$; Teodósio de Faria & Filhos, 50\$; Guilhermina Augusta Martins, 25\$; todos do Porto.

Margarida Nunes de Almeida, Oliv. de Azemeis, 25\$; Guilhermina Augusta Rodrigues Alves Martins, Porto, 20\$; Benilde Berta Morais Coutinho da Costa, V. N. de Gaia, 20\$; Laura Cunha S. Gabriel, 50\$; Maria Teresa Pequito Rebelo de Carvalho, Fonte dos garfos Gamão, 250\$; Deolinda Vieira Bastos, Valdijem-Douro, 20\$; Aurora Lemos, Albergaria-a-Velha, 50\$; Carlos Luis da Rocha, Alcanêna, 40\$; Dulce Cristina da Silva, Pampilhosa de Botão, 30\$; José Rodrigo do Rêgo, Vila N. de Famalicão, 20\$; Maria Cândida de Carvalho Costa-2 anos-Oliv. de Azemeis, 60\$; Maria Teresa Salgado-Enfermeira-Bombarral, 30\$; Laura Ferreira da Silva, Porto, 20\$; Joaquim José de Lemos, Bairro-Minho, 100\$; Alexandre de Almeida Santos Júnior, Porto, 100\$; Jean Lanz, Lisboa, 50\$; Rui Ferreira Mendes, Lisboa, 20\$; Maria Carolina Carmello, Santarém, 40\$; Maria da Anunciação Sobral Cid, Lamêgo, 20\$; Maria da Anunciação Vasconcellos, Lamêgo, 20\$; Cândida Paiva, Lisboa, 40\$; Manuel Freitas, Alto da Bela-Rio Tinto, 25\$; José Tavares, Matozinhos, 25\$.